

## OS MOVIMENTOS SOCIAIS DOS SURDOS A PARTIR DE UMA SOCIOLOGIA DO SUJEITO DE TOURAINE EM DIÁLOGO COM MICHEL FOUCAULT

José Raimundo Rodrigues  
jrrzenga@yahoo.com.br  
<http://lattes.cnpq.br/0054461655991890>

Eliane Telles de Bruim Vieira  
ebruim@yahoo.com.br  
<http://lattes.cnpq.br/0169434350066966>

Lucyenne Matos da Costa Vieira Machado  
lumatosvieira@gmail.com  
<http://lattes.cnpq.br/0054461655991890>

### RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre o momento atual dos movimentos surdos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que procura aproximar o objeto de análise com a perspectiva de dois pensadores franceses, a saber: Alain Touraine e Michel Foucault. Recorreremos ao sociólogo francês para conceituar movimento social a partir dos princípios de identidade, de oposição e de totalidade. Com a proposta de dialogar com estes conceitos de Touraine, iremos recorrer a compreensão da noção da ética proposta por Foucault. Analisar movimentos surdos, a partir do pensamentos do sociólogo Alain Touraine e do filósofo Michel Foucault, é um exercício compreensivo de um dado momento de nossa contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Movimento Sociais, Surdos, Touraine, Foucault.

### INTRODUÇÃO

A evidente participação dos surdos nas eleições presidenciais de 2018 no Brasil e o uso das tecnologias digitais pelos candidatos mostraram a existência de um novo espaço político de atuação dos surdos. Durante a campanha presidencial, a comunidade surda dialogou com os dois principais candidatos e com eles assinou termos de compromisso, num evidente sinal de organização e mobilização em torno de suas pautas. Passadas as eleições, com clara polarização entre os eleitores, um novo fato impactaria a comunidade surda e novamente com o uso das redes sociais. No primeiro pronunciamento do presidente eleito, ladeado pela esposa que utilizava uma camisa em

referência à LIBRAS, uma intérprete sinalizava o discurso. A Libras começava a ficar em evidência em rede nacional.

No dia primeiro de janeiro de 2019, durante a cerimônia de posse presidencial, numa aparente quebra de protocolo, a primeira dama, Michelle Bolsonaro, faz um discurso em Língua Brasileira de Sinais (Libras), levando à comoção uma multidão de surdos. Neste ato de visibilidade para a comunidade surda se alicerçaram várias expectativas de que, doravante no Brasil, os surdos teriam uma maior participação nas decisões políticas e suas demandas seriam melhor acolhidas pelo poder público. O discurso interpretado da Libras para a Língua Portuguesa fazia com que outros tantos milhões de pessoas se questionassem sobre o cotidiano dos surdos. Mas o olhar sobre a história das conquistas políticas dos surdos é bem anterior ao janeiro de 2019.

Uma rápida pesquisa sobre a organização de surdos no Brasil revelará o quanto as demandas deste grupo de pessoas fomentou articulações, unindo-os em torno de determinadas metas como reconhecimento da Libras, educação bilíngue, matrícula dos surdos com assistência de intérpretes. Os surdos fizeram uso de passeatas, um repertório bastante conhecido na história dos movimentos sociais.

A pressão publicamente exercida demonstrava o quanto os surdos, seus familiares e outros simpatizantes de suas causas, muitos deles profissionais da educação, concebiam a necessidade de intervenções do Estado para que as práticas sociais, particularmente as ligadas ao acesso e permanência na escola, fossem menos dominadas pela cultura ouvinte e se pudesse constituir uma outra forma de vivência social que contempla a surdez como diferença cultural e os surdos como um grupo com necessidades específicas, que recorre ao uso da língua de sinais, por exemplo.

Os surdos, graças à essas organizações e lutas conquistaram uma série de mudanças, distinguindo-se dos outros componentes do público-alvo da educação especial por agirem como movimento. Há uma evidência dos surdos em todo o processo, tendo-os

sempre como protagonistas, privilegiando a sua condição de autonomia. O apoio teórico por parte da academia, muito bem representado pelas diversas pesquisas e debates nas universidades, aparece como suporte intermediário. Essa questão é relevante pelo fato de que as políticas ligadas à educação especial, quase sempre, fizeram caminho distinto, sem uma maior movimentação social por parte dos seus destinatários. Após as conquistas, parece-nos que houve certa diminuição de forças por parte dos movimentos sociais dos surdos. Tal situação ocorre num período em que muitos outros movimentos sociais também parecem passar por um arrefecimento.

## **Percurso metodológico**

Consideramos importante refletir sobre o momento atual dos movimentos surdos a partir de perspectivas que nos permitam problematizar as conquistas vivenciadas e as novas possibilidades que se apresentam como formas de reorganização e manifestação dos movimentos populares em geral. A partir do paradigma complexo, que nos ajuda a compreender que a realidade encontra-se sempre interligada e com diversos fatores em constante ação, desejamos refletir sobre os movimentos surdos enquanto realidade que extrapola os limites do próprio movimento e experiencia um constante refazer-se em suas lutas.

Acolhendo a instigante aproximação proposta por Furlin (2011; 2012) entre os pensamentos de Alain Touraine e Michel Foucault, refletimos sobre os movimentos dialogando com os conceitos de Touraine e conceitos-ferramentas teórico-metodológicos de Foucault. Em Touraine encontramos elementos que favorecem a problematização dos movimentos sociais e em Foucault uma perspectiva ética que pode complementar as contribuições do primeiro autor.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que procura aproximar o movimento social dos surdos com a perspectiva dos dois autores franceses. Tendo como ponto de partida a leitura de obras que procuram sistematizar o movimento social dos surdos, detemo-nos sobre algumas particularidades que o pensamento de Touraine em diálogo com o de

Foucault nos sugerem possibilidades de interpretação do atual momento do movimento surdo.

## **AS LUTAS DOS SURDOS: DOS MOVIMENTOS ÀS CONQUISTAS**

Uma breve retrospectiva dos movimentos surdos permitem-nos situar diante das atuais questões que o movimento vivencia na atualidade. Para Thoma e Klein (2010), a década 1990, no Brasil, foi de grande importância para a mobilização e fortalecimento dos movimentos surdos. As associações de surdos, apoiados por grupos de estudiosos sobre educação de surdos, numa relação com a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos arregimentaram diversas ações como manifestações populares, abaixo assinados, congressos, documentos coletivos, dentre outros. Exemplo disso, foi “A educação que nós surdos queremos” FENEIS, 1999), documento elaborado durante o V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para Surdos, ocorrido em 1999 que se tornou marco referencial para políticas públicas para surdos como podemos observar em algumas das deliberações:

25. Elaborar uma política de educação de surdos com escolas específicas para surdos. 26. Considerar que a escola de surdos é necessária e deve oferecer educação voltada para princípios culturais e humanísticos, promovendo o desenvolvimento de indivíduos cidadãos e sendo um centro de encontro com o semelhante para produção inicial da identidade surda 53. Substituir o termo de “deficiente auditivo” por surdo considerando que o deficiente auditivo e o surdo não têm a mesma identidade: o deficiente auditivo usa comunicação auditiva, tendo restos auditivos que podem ser corrigidos com aparelhos; o surdo usa comunicação visual (línguas de sinais) e não usa comunicação auditiva. 58. Propor o reconhecimento e a regulamentação da língua de sinais a nível federal, estadual e municipal para ser usada em escolas, universidades, entidades e órgãos públicos e privados. 59. Considerar que as línguas de sinais são línguas naturais das comunidades surdas, constituindo línguas completas e com estrutura independente das línguas orais. 71. Fazer da língua de sinais uma disciplina no currículo, envolvendo o ensino de sua morfologia, sintaxe, e semântica. (FENEIS, 1999, p. 5.8-10)

Em 2001, surdos fazem manifestação em frente ao Palácio do Planalto reivindicando não mais uma política de educação inclusiva, mas uma educação bilíngue em que o surdo seja compreendido e acolhido a partir de sua diferença cultural e linguística, culminando com a promulgação da Lei 10.436 que oficializa a Libras em 2002. Num movimento de desdobramento da oficialização da Libras, em 2005 tem-se a

provação do Decreto 5.626 que dispõe a inclusão da disciplina de Libras nos cursos de formação de professores e nos de fonoaudiologia. O mesmo decreto ainda trata da formação de docentes para o ensino da Libras, e tradutores e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa.

Pode-se compreender que o surgimento dos cursos de Letras-Libras, bacharelado ou licenciatura, surgem como uma repercussão das novas legislações que abrem demandas para as quais o mercado também não estava suficientemente preparado. O acesso de surdos ao ensino superior exigiu ainda a contratação de intérpretes deflagrando novas problematizações em relação ao ensino-aprendizagem.

A segunda década do século XXI parece marcada por consequência nas comunidades surdas de uma determinada compreensão de inclusão. Em nome de se incluir os surdos nas escolas regulares muitas escolas especializadas para atendimento de surdos sofreram pressões e ameaças de fechamento. O propósito de educação bilíngue ou de escola bilíngue permanece ainda bastante aberto, tendo múltiplas constituições práticas nas escolas que assim se denominam.

Inúmeras questões permanecem em aberto em relação a isso: O que caracteriza uma escola como bilíngue? Que currículo seria praticado nesta escola? Quais as metodologias a serem utilizadas com vistas ao fim que se almeja? Qual o perfil dos profissionais a atuar neste espaço? Libras seria a primeira língua também da escola ou apenas dos surdos? Como trabalhar com a Língua Portuguesa como segunda língua dos surdos sem gerar um governo linguístico? Como fortalecer uma educação bilíngue que assegure o acesso com qualidade aos conhecimentos historicamente acumulados? Ter uma classe bilíngue já seria pressuposto para assumir a titulação de escola bilíngue? Nascimento e Costa (2014), demonstrando a clara vinculação da proposta da escola bilíngue com os movimentos sociais, afirmam que

A Escola Bilíngue é uma síntese do que há muitos anos tem-se priorizado como demanda da comunidade surda brasileira; é a representação do que nas duas últimas décadas vem sendo descrito, relatado e analisado nos trabalhos

acadêmicos, cada dia mais expressivos em quantidade e qualidade; e, por fim, é uma instituição que passa a fazer parte da sociedade brasileira, com a histórica e expressiva conquista do Movimento Nacional em Favor da Educação e da Cultura Surda, liderado pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS: a garantia de uma Política de Educação de Surdos ampla e diversificada, que oficializa e legaliza as escolas bilíngues por meio da sanção, pela Presidenta Dilma, em 25 de junho de 2014, da Lei Federal nº 13.005, que regulamenta o Plano Nacional de Educação, em vigor de 2014 a 2024. (NASCIMENTO; COSTA, 2014, p. 163)

Essa diversidade de experiências de consolidação da educação bilíngue somada a outros fatores também desencadeou repercussões nas escolas especializadas e nas associações de surdos. Se num passado recente esses espaços eram centros de vivência, aprendizado e consolidação do uso da língua de sinais, hoje os surdos os procuram com outros objetivos. Tal situação não se dá exclusivamente pelas novas práticas escolares, que terão também as universidades como novo espaço de encontro dos surdos, mas também pela emergência de novas formas de congregamento dos surdos mediada pelas tecnologias de comunicação.

O pertencimento à comunidade surda é possível pela virtualidade e os contatos físicos passam a ser ressignificados. O uso de mídias interativas favoreceu ao surdo apropriar-se de mecanismos que potencializam a visualização, favorecendo o uso da língua de sinais via tecnologia, posto que é uma língua gestual-visual.

O advento da rede mundial de computadores, o uso de aplicativos de celulares, a popularização de câmeras, fizeram com que os surdos pudessem se comunicar para além dos espaços tradicionais de encontro e formação. Além disso, os novos espaços mediados pela tecnologia também se tornaram espaços para discussão e mobilização da comunidade surda. Machado e Feltes (2010) já assinalavam como o uso das novas tecnologias recolocavam em questão conceitos como “cultura surda”, “identidade surda” e apontavam para certo hibridismo identitário em relação a outros elementos acessíveis graças ao uso das redes sociais, repercutindo, inclusive, nas práticas regionais.

Todavia, Carvalho, Silva e Silva (2017), ao sintetizarem o uso das tecnologias pelos surdos, nos mostram que ali eles experimentam também um sensação de identidade própria:

A comunidade surda, que há pouco tempo dispunha apenas das tradicionais formas de expressão (língua de sinais e língua portuguesa na modalidade escrita) para interagir entre si e com a sociedade ouvinte, acabou por se apropriar, paralelamente à sociedade ouvinte, das tecnologias comunicativas em meio eletrônico, fortalecendo suas redes sociais de relacionamento. A possibilidade de uso desta tecnologia tem proporcionado uma ampliação da comunicação entre surdos e ouvintes (sobretudo pela troca de mensagens de texto), ao mesmo tempo em que favorece a disseminação da LIBRAS (através da troca de imagens e vídeos) entre os surdos, aumentando a sensação de autonomia e empoderamento social vislumbrada enquanto identidade própria. (CARVALHO; SILVA; SILVA, 2017, p. 10)

Neste sentido, para muitos envolvidos nos movimentos surdos, parece ocorrer certo refreamento no movimento, posto que os tradicionais lugares de organização dos surdos parecem estar em transição. Ocasão então de buscarmos o auxílio das reflexões de Touraine e Foucault para problematizarmos essa nova forma com que o movimento surdo tem se manifestado.

## **OS MOVIMENTOS SOCIAIS NO PENSAMENTO DE ALAIN TOURAINE**

Touraine reconhece a ação conflitante por uma disputa pelo controle da ação histórica como elemento típico na composição de um movimento social. Considerando a sociedade num processo histórico, os movimentos sociais seriam a manifestação de confronto de interesses opostos (TOURAINE, 1977). O sociólogo francês completa sua conceituação de movimento social apontando para os princípios de identidade, de oposição e de totalidade.

O princípio da identidade, para Touraine, diz respeito à autocompreensão do ator social. Assim, a identidade não é dada de fora, mas pela própria forma como os atores se entendem e isso os arregimenta, os agrega. Essa identidade não se fixa apenas nos participantes, mas ela é aquilo que fará com que os de fora do grupo também compreendam aquele determinado movimento. Ou seja, o princípio da identidade parte da

autocompreensão dos atores, mas se torna a face visível do movimento a ponto de torná-lo reconhecido por tal identidade. O grupo fala em nome de alguém e esse alguém pode ser reconhecido socialmente (GALLIANO, 1986).

Em relação ao princípio de oposição, Touraine considera que a existência de um movimento social se dá diretamente como resistência a um determinado obstáculo ou força que impede o acesso a seus objetivos. Considerando-se que há oposição, pode-se afirmar que Touraine aponta para a identificação de adversários. O movimento social se une em torno de uma identidade e contra um grupo de adversário. Entretanto, compete recordar que, ao longo das lutas, os adversários também podem se modificar.

Portanto, a configuração dos movimentos sociais em Touraine não se dá de forma estanque como se fosse uma oposição determinada e contínua. As possíveis mudanças em relação aos opositores demonstram, quase sempre, transformações do movimento social. Observar a mudança de compreensão de si em relação aos adversários é também importante para se analisar um movimento social (GALLIANO, 1986).

As intenções de um movimento social não podem se restringir ao simples desejo de cumprimento de seus objetivos. O que caracteriza o movimento social é sua capacidade de vincular-se a questões mais amplas, mais complexas, que tocam em ideais universais. Se o movimento trabalha em torno de uma questão específica, ao mesmo tempo, a associa a questões maiores como direitos humanos, por exemplo. Além disso, Touraine considera que nos movimentos sociais surgem novos valores.

Essa característica que pode ser percebida pela análise acionalista sugerida por Touraine afirma como há um contínuo movimento entre os movimentos sociais, uma capacidade de reinventarem-se diante de cooptações ou repressões por parte do Estado. A força dos movimentos sociais residiria nessa capacidade de renascimento e refortalecimento, por vezes, clandestino (GALLIANO, 1986). Gohn alerta que



Sabemos que o acionalismo retoma um dos pressupostos básicos do funcionalismo: toda ação é uma resposta a um estímulo social. O axioma aí implícito enfatiza o comportamento social, ou seja, a conduta dos indivíduos e grupos em termos de conflito ou de integração. (GOHN, 1997, p. 142)

Enfatizando o ator social, Touraine mostra que os movimentos sociais se caracterizam não como oposição coletiva a problemas estruturais marcadamente econômicos, mas como ação de sujeitos na história:

Falamos sobre movimento social significa colocarmo-nos no ponto de vista dos atores, isto é, dos atores que são, ao mesmo tempo, conscientes do que têm em comum, ou seja, dos mecanismos de conflitos e dos interesses particulares que os definem uns contra os outros. O interesse considerável da noção de movimento social na história da sociologia é haver contribuído para a reflexão passar de um certo objetivismo [...] a um estudo claramente definido pela busca de sentido de certas ações, isto é, do sentido atribuído por certos atores à sua ação. (TOURAINÉ, 2006, p. 20)

Touraine compreende que os movimentos sociais têm três funções: de mediação, de clarificação da consciência coletiva e de pressão. Como espaços de reflexão sobre uma determinada demanda, os movimentos sociais favorecem a socialização de questões nem sempre contempladas pela maioria das pessoas. Desta forma, os movimentos propiciam uma tomada de consciência sobre a ação histórica. Por fim, fazendo uso de repertórios comuns aos movimentos sociais, procura-se pressionar as autoridades, os governantes, para que as demandas apresentadas pelo movimento sejam acolhidas e sanadas.

Nota-se a inspiração marxista de Touraine ao compreender os movimentos sociais como expressão também de uma consciência coletiva intimamente ligada à ação histórica em vistas de uma transformação social. Mas é preciso realçar que Touraine avança para uma abordagem nova que contempla também o lugar da cultura numa análise macrossocial e priorizando o papel dos indivíduos como atores dos movimentos sociais. Daí a importância da sociedade civil:

Observa-se que para Touraine a sociedade civil é um espaço de disputas, lutas e processos políticos. É o espaço onde se localiza o processo de criação de normas, identidades, instituições e relações sociais de dominação e resistência, porque nele há uma capacidade de auto-reflexão. E é esta

capacidade que é importante analisar nos movimentos sociais, e não o seu repertório de ações. (GOHN, 1997, p. 150)

Gadea e Warren (2005) complementam essa reflexão ao afirmar que “[...] a democracia deve tratar de seguir dois caminhos: por um lado, criar espaços para a participação cada vez mais perceptíveis e, por outro lado, garantir o respeito às diferenças individuais e ao pluralismo” (GADEA; WARREN, 2005, p. 41). Após essa breve apresentação do pensamento de Touraine sobre os movimentos sociais, deseja-se propor a compreensão foucaultiana.

## **OS MOVIMENTOS SOCIAIS NUMA PERSPECTIVA ÉTICA FOUCAULTIANA**

É de conhecimento de todos os engajamento de Foucault e de amigos, como Sartre, nos movimentos sociais, apoiando greves, escuta de minorias. Deste lugar de militância Foucault faz de sua filosofia uma forma de quebrar com o previsível. Ao falar em nome dos encarcerados, Foucault, o faz a partir de lugares *sui generis*, escapa aos domínios do Estado, e sua fala é ela mesma uma forma de resistência. Todavia, é a produção intelectual do filósofo francês que tem impulsionado movimentos diversos na contemporaneidade (GOHN, 1997).

Apesar de considerar várias outras possibilidades de aproximação com o pensamento de Foucault, foca-se aqui na sua compreensão da ética. Para Foucault, a ética não se confunde com nenhum código normativo, mas é um processo contínuo de cuidado de si. Distante de um individualismo, a ética foucaultiana considera o cuidado de si na sua relação com o cuidado dos outros e cuidado do mundo. Nesse entrelugar o sujeito é convidado a se constituir eticamente, num processo constante de lapidação de si. Não é mais a teonomia, nem a heteronomia, nem tampouco, uma autonomia simplesmente. Michel Foucault considera a ética como um trabalho de si sobre si na liberdade. “A liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida assumida pela liberdade” (FOUCAULT, 2014, p. 261).

Na perspectiva foucaultiana o poder não está concentrado no governo, mas é antes algo dissolvido entre todos, oscilando forças, tensionando possibilidades que ora

significam assujeitamento, ora são clara resistência. Esse poder difuso exige uma compreensão dos movimentos sociais não como uma ação de um grupo contra outro, mas como uma relação contínua entre grupos, entre aqueles que apresentam demandas e as formas possíveis de se saná-las com a participação de todos os envolvidos. Por não considerar as grandes metanarrativas da modernidade, Foucault sugere desviar o olhar para os microprocessos. É também o sujeito responsável por si que, sabendo-se numa coletividade, contempla primeiramente seu agir ético. “O cuidado de si é ético em si mesmo; porém implica relações complexas com os outros, uma vez que esse êthos da liberdade é também uma maneira de cuidar dos outros [...]” (FOUCAULT, 2014, p. 264).

Parte de uma crítica à contemporaneidade baseia-se num apego à necessidade de agrupamentos, desconsiderando-se que ao individualizar-se eticamente, o sujeito se dispõe a cuidar não só de si, mas da *pólis* que habita. Essa ênfase no sujeito desafia nosso tempo a compreender que as pessoas podem ou não se agrupar em movimentos sociais, podem ou não compartilhar de ideias, mas são sempre incitadas a se auto perceberem num processo de cuidado. O sujeito não se isola, mas toma consigo aquilo que lhe compete na vida social e que nenhuma outra pessoa poderá fazer por ele: cuidar de si. Essa ética desloca o foco do exterior para uma interioridade compromissada na liberdade com o estar consigo, com outros e no mundo.

## **TOURAINÉ E FOUCAULT EM DIÁLOGO COM OS MOVIMENTOS DE SURDOS: DOS MOVIMENTOS A UMA ÉTICA QUE MOVIMENTA?**

A partir da compreensão de Touraine acreditamos que os movimentos surdos no Brasil experimentaram confrontações na apresentação de suas demandas e o fizeram na configuração clara de uma identidade e num contexto que contemplava a totalidade de uma mudança social. As práticas dos movimentos surdos permitiram também, numa continuidade de leitura destes movimentos numa perspectiva touraineana, que o restante da sociedade fosse convocado a tomar consciência de uma dada realidade.

Os movimentos surdos ao viverem a oposição como uma dada ordem social, marcada por práticas dos ouvintes que, muitas vezes, procuram determinar o que é destinado aos surdos, aprenderam a fazer uso de diversos mecanismos de pressão. A culminância na formulação de leis aponta para um processo complexo em que de demanda de um grupo identitário se chega a uma aceitação formal no contexto político de um Estado Democrático. Esse processo fez com que os movimentos surdos também se modificassem ao longo dos anos, assumindo formas diferentes de atuação.

Segundo Martins (2011)

O conceito de subjetivação implica em resistências às relações de dominação impostas aos sujeitos. Por isso, Foucault é considerado, por Touraine, como um barqueiro que, ao enfatizar a ideia de sujeito e os modos de subjetivação, direciona a investigação sociológica para a reflexão sobre a perspectiva de atores e atrizes sociais. (MARTINS, 2011, p. 734)

A compreensão de ética proposta por Foucault dialoga com o foco no ator social proposto por Touraine. Um olhar mais atento à realidade dos movimentos sociais na contemporaneidade não deixa passar a questão da diversidade de interesses movida pela questão identitária. Foucault nos fez compreender como o sujeito é constituído pela sociedade e também a constitui. Ao se deter no sujeito e não mais na coletividade, Foucault aponta uma chave de compreensão útil ao nosso momento. Talvez, os movimentos surdos não estejam vivendo um refreamento, mas sim mais uma transformação na sua forma de agir e no uso de novos repertórios.

Longe de se considerar a ética foucaultiana como um princípio individualista, coerente ao contexto capitalista neoliberal, focado na meritocracia, na ênfase das atribuições pessoais, é preciso assumi-la como uma ética que move da subjetividade para a exterioridade numa ação que tem por finalidade uma vida esteticamente bela e não uma revolução em que o outro é cooptado. Torna-se necessário reparar na aparente fragmentação dos movimentos surdos uma resistência a qualquer forma de homogeneização que vise a definir maneiras únicas e inquestionáveis de se educar os surdos. Desde o lugar de onde o surdo se encontra, seja ele até mesmo atrás de uma tela de computador ou mediado por uma aplicativo de celular, é nesta pessoa que podemos

acreditar num processo em que as escolhas se guiam por uma construção de si que, constantemente, revê as próprias práticas.

Num Estado em que, constantemente, acontecem práticas que visam cooptar as lutas, agir coercitivamente nos protestos e reduzir os atritos em favor de uma harmonia que consolide políticas normalizantes, o fato de certa dispersão dos surdos pode ser salutar como maneira de não se evidenciar mais um sujeito coletivo identitário surdos, mas infundáveis formas de reivindicação dos surdos que partem de suas subjetividades e podem ou não se conformar em lutas de grupos. Talvez, separados, em alguns contextos, seja uma forma de se fortalecer mais ainda diante de um Estado que panopticamente acompanha e, por vezes, se antecipa aos movimentos sociais:

[...] é possível suspeitar que haja certa impossibilidade de constituir hoje uma ética do eu, quando talvez seja esta uma tarefa urgente, fundamental, politicamente indispensável, se for verdade que, afinal, não há outro ponto, primeiro e último, de resistência ao poder político senão a relação de si para consigo mesmo. (FOUCAULT, 2004, p. 306)

A necessária abertura ao diálogo com o diferente irá desempenhar papel fundamental nesse novo contexto. E, novamente, a ética foucaultiana não busca uma formulação de ações a que todos, unidos por princípios, sob ela se inclinem. O diálogo é que permite conhecer e desenvolver, primeiro em cada sujeito, formas de se compreender, de rever posicionamentos, sabendo-se ser aberto em construção constante.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Colocar em diálogo movimentos surdos e os pensamentos do sociólogo Alain Touraine e do filósofo Michel Foucault é um exercício compreensivo de um dado momento da realidade. É, pois, nada menos, nada mais, que um olhar que procura discutir como as verdades pleiteadas pelos movimentos e historicamente assumidas até mesmo pelo Estado ainda permanecem abrindo novos horizontes de debate e pesquisa.

Os princípios de análise dos movimentos propostos por Touraine podem ser facilmente percebidos ao longo das lutas dos movimentos surdos no Brasil. Seriam eles, com o foco no sujeito como ator, e compreendendo o próprio movimento como esse ator, a forma ideal de se analisar os movimentos surdos? Certamente, não a única, mas é uma maneira que permite lidar, inclusive, com as questões que, por vezes, angustiam os membros das comunidades surdas que veem certo deslocamento das práticas tradicionais de organização e protesto.

A ética de Foucault remete ao sujeito como responsável por si numa época em que, facilmente, se tenta esquivar do cuidado de si por uma constante visualização e exposição da própria vida como se no olhar do outro é que se encontrasse a verdade sobre si. Assim, os movimentos surdos podem também rever suas práticas como um convite a exercitar o cuidado de si.

Que outras lutas podem advir por parte dos movimentos surdos? Possivelmente, um olhar sobre essas individualidades que, dos seus lugares, clamam diversificadamente poderá apontar caminhos. Este reinventar-se é também o que, historicamente, permitiu aos movimentos surdos chegar à atualidade como aquele que conseguiu por suas práticas várias transformações sociais.

Por fim, tememos que a aparente “quebra de protocolo” vivenciada na posse presidencial faça com que o sentimento de pleno acesso ao domínio político enfraqueça a prática dos movimentos sociais dos surdos. Oxalá, se torne oportunidade para implementação de outras políticas que visem assegurar a plena inserção dos surdos na sociedade brasileira e que as práticas de uso das redes sociais para diálogo com a comunidade surda não sucumbam em mecanismos de dominação dos surdos. No atual governo, o MEC reorganizou suas secretarias e permanece ainda obscuro o significado da criação da Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos. Que a presença dos surdos das redes sociais possa significar também um acompanhamento desse quadro de

transição. Para além do discurso em Libras são aguardadas outras ações de compromisso com a comunidade surda.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, H. de A.; SILVA, Miriam V. da; SILVA Neide E. K. e. O advento das mídias sociais e seu uso pelos surdos: uma nova tecnologia social que pode favorecer o diálogo nos serviços de saúde? **VII ESOCITE.BR**, FINATEC - UNB, Anais VII Esocite.br/tecsoc. Brasília, 2017, p. 1-14. Disponível em: [http://esocite2017.com.br/anais/beta/trabalhoscompletos/gt/28/esocite2017\\_gt28\\_henriqueDeAlbuquerqueCarvalho.pdf](http://esocite2017.com.br/anais/beta/trabalhoscompletos/gt/28/esocite2017_gt28_henriqueDeAlbuquerqueCarvalho.pdf). Acesso em: fev. 2019.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade**. In: Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 258 - 280, 2014.

FURLIN, Neiva. É possível uma sociologia do sujeito? Uma abordagem sobre as teorias de Foucault e Touraine. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 14, n. 29, pp. 274-311, jan./abr. 2012.

\_\_\_\_\_. **A noção de sujeito em Touraine e Foucault**: contribuições epistemológicas para o pensamento social. XV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. 26 a 29 de julho de 2011, Curitiba (PR) GT30.

GADEA, C. A.; WARREN-SCHERER, Ilse. A contribuição de Alain Touraine para o debate sobre sujeito e democracia latino-americanos. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, 25, p. 39-45, nov. 2005.

GALLIANO, A. G. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Harbra, 1986.

GOHN, M. da G. **Teoria dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

MACHADO, Flávia M. Á.; FELTES, Heloísa P. de M. Comunidade surda e redes sociais: práticas de regionalidade e identidades híbridas. **Conexão - Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 9, n. 17, pp. 33-49, jan./jun. 2010.

MARTINS, G. P. de C. Pensar outramente: o discurso interpretativo dominante. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 26, n. 3, pp. 733-737, set./dez. 2011.

NASCIMENTO, Sandra P. de F.; COSTA, M. R. Movimentos surdos e os fundamentos e metas da escola bilíngue de surdos: contribuições ao debate institucional. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 30, n. 2, p. 159-178, ago. 2014.

THOMA, Adriana da S.; KLEIN, Madalena. Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil. **Cadernos de Educação**. Pelotas, n. 36, pp. 107-131, mai./ago. 2010.

TOURAINÉ. A. de. Na fronteira dos movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 17-28, jan./abr. 2006.

## **SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:**

José Raimundo Rodrigues: Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, mestrado e doutorado em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte, mestrado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Eliane Telles de Bruim Vieira: Possui graduação em História pela Universidade Federal do Espírito Santo, mestrado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo e é doutoranda em Educação na mesma universidade.

Lucyenne Matos da Costa Vieira Machado: Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo, mestrado e doutorado em Educação pela mesma universidade, pós-doutorado em Educação pela Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora e orientadora de mestrado e doutorado do curso de Pós-graduação em Educação (PPGE/UFES) na linha Educação Especial e práticas inclusivas e professora colaboradora no programa de pós Graduação em Linguística (PPGEL) na linha de Linguística Aplicada.